

# REVISTA ADVENTISTA

FEVEREIRO DE 1965

*O dia do Lar Cristão e o Altar da Família*

*Página da Escola Sabatina*

*Lembra-te... do dia de Sábado*

*O ideal da obra de educação*

ANO XXVI

N.º 2 2 1

## O dia do Lar Cristão e o Altar da Família

A. Casaca

O próximo 20 de Fevereiro, Sábado, é destinado ao Dia do Lar Cristão e ao Altar da Família. Todos sabemos que é a Família a célula base da sociedade; o que for a família, melhor diremos, o que forem as famílias, assim será a sociedade. Por isso, não é de admirar que Satanás esteja profundamente empenhado em desorganizar a família, minando-a nos seus elementos estruturais para a perder e, com ela, os indivíduos e a mesma sociedade.

Somos doutrinados pelo Espírito de Profecia que «A restauração e erguimento da humanidade começam no lar. A obra dos pais é a base de toda e qualquer obra. A sociedade compõe-se de famílias e a mesma sociedade será aquilo que a fizerem os chefes de família. Do coração «procedem as saídas da vida» (Prov. 4:23), e o coração da sociedade, da igreja e da nação, é o lar. A felicidade da sociedade, o êxito da igreja, a prosperidade da nação, dependem das influências domésticas. (O LAR, pág. 3).

Perguntam os sociólogos se é a sociedade que faz o homem ou se é o homem que forma a sociedade.

Talvez se possa dizer, numa fórmula intermédia que a unidade de base de todos os fenómenos humanos não é, nem o indivíduo, nem a sociedade, mas sim a família. É que não podemos conceber o homem, socialmente, independente da mulher, nem inversamente.

Lembre-mo-nos, também, de que aquilo que faz desabrochar o homem na criança, não é, propriamente, um outro homem, ou uma mulher, nem qualquer grupo de pessoas, mas sim a família,

meio, por excelência, para adaptar à vida social um indivíduo que sozinho seria incapaz de se desembaraçar, e que um dia deverá levar ao grupo a que pertence a parte da sua actividade e de prosperidade.

Por isso é que a célula inicial da sociedade não é o indivíduo, mas a família.

Deste modo é indispensável que a família esteja cristianizada para que também cristianize os seus membros e a sociedade.

O indivíduo sem família sente-se terrivelmente só. Encontra, pelo contrário grande conforto, na certeza de que faz parte, embora esteja nos antípodas, de uma família, e de que há alguém que pensa nele ou que continua como um prolongamento, o seu ser. A família é necessária ao indivíduo. Também não o é menos à sociedade, porque é ela que continua a comunidade em miniatura, na qual a criança fará a aprendizagem da vida social.

Tal é a importância da família que deve constituir um verdadeiro lar cristão para que possa plenamente realizar o objectivo que Deus lhe destinou.

Este objectivo tende, evidentemente, para alcançar a felicidade e esta só se encontra no serviço abnegado.

«Lembraí-vos — escreve a Irmã White — de que não encontrareis a felicidade encerrando-vos em vós mesmos, satisfeitos com entornar toda a vossa afeição um sobre o outro. Aproveitai toda a oportunidade para contribuir para a felicidade dos que vos rodeiam. Lembrai-vos de que a ver-

(Continua na pág. 8)

## SUMÁRIO

O dia do Lar Cristão e o Altar da Família

Página Editorial

«Lembra-te... do dia de Sábado para o santificar»

Página da Escola Sabatina

Daniel e os seus tempos

As Festas e os Sábados Cerimoniais na antiga Dispensação

Notícias do Campo

Eleições

O ideal da Obra da Educação

O método mais revolucionário de Evangelizar

O Auxiliar da Escola Sabatina

FEVEREIRO DE 1965

ANO XXVI N.º 221

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,  
F. MENDES, M. MIGUEL,  
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 47 - LISBOA

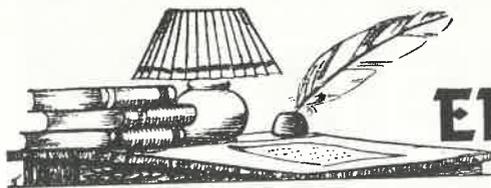
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA  
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

### Semana de Oração dos M. V.

Estamos, apenas, a um mês da *Semana de Oração dos M. V.* É inútil, prezados Irmãos e Irmãs, chamar a vossa atenção para a importância desta Semana; ela fala por si mesma e impõe-se por si mesma.

Temos de acarinhar os nossos jovens — a esperança da Igreja — acompanhando-os e vivendo os seus problemas. Este problema, o da oração é, de certo, um dos mais importantes para a sua vida, tanto como para a vida de cada um de nós.

É conveniente adquirir o número da *Revista Adventista* de Março — quem não for assinante, é claro — para acompanhar as importantes leituras especialmente preparadas para cada sessão. Aquela Semana — que decorre de 20 a 27 de Março — é dos nossos jovens, em primeiro lugar. Mas também é de todos nós, pelo que, temos a obrigação moral de os acompanhar nas suas reuniões. Temos de unir as nossas pobres orações às dos nossos jovens porque se torna necessário cada vez mais, desenvolver por toda a parte um intenso e ardoroso espírito de oração.

A. Casaca

Prouvera a Deus que em todos os lares adventistas da nossa União entrasse a nossa REVISTA ADVENTISTA como devia ser. No ano transacto havíamos feito o propósito de intensificar a sua difusão. Damos graças a Deus por termos, em parte, realizado este nosso propósito. Mas ainda há bastante que fazer neste domínio.

É certo que as despesas aumentam quase diariamente; mas se no nosso orçamento se abre uma verba para a assinatura de qualquer jornal ou revista mundanos, não se compreende, em tal caso, que não se assine, a nossa REVISTA ADVENTISTA, onde se encontra não só o noticiário que nos diz respeito, mas também, os mais variados artigos doutrinários saídos da pena inspirada da Irmã White e de outros nossos Irmãos consagrados.

Aqui vos apresentamos, segundo o costume, algumas notícias.

### Dia pró-observação do Sábado

Resolveu o último Conselho de Inverno da Divisão Sul-Europeia dedicar o próximo Sábado, dia 13 do corrente, a um estudo mais atento e cuidadoso da observância do santo Dia do Senhor. Neste número da REVISTA ADVENTISTA se inclui um valioso artigo da autoria do Irmão Cupertino sobre o assunto.

Recomendamos a sua leitura com todo o interesse.

### Dia do Lar Cristão e Altar da Família

No Sábado seguinte, dia 20 o culto será dedicado ao Lar Cristão e Altar da Família. Também a nossa Revista publica, neste número, um artigo em que se solicita a nossa atenção para este dia.

**NOVO HINÁRIO** para uso das igrejas em Portugal, com 620 hinos e trechos bíblicos seleccionados, próprios para o culto divino:

### CANTAI AO SENHOR

edição portuguesa, sem música, a sair brevemente.

Preço especial de pré-publicação, até ao dia 31 de Março: 30\$00. A partir de Abril, o preço será de

40\$00

Inscreva-se agora e poupe 10\$00 no seu hinário. Peça mais informações ao pastor da sua igreja.

# Página da Escola Sabatina

*Foi resolvido pela Conferência Geral conceder, neste ano corrente, uma atenção muito especial, à Escola Sabatina. Decididos a dar a nossa melhor colaboração a este objectivo, certamente inspirado por Deus, apresentaremos aos nossos Irmãos e Irmãs, através desta Página, cuja publicação se inaugura este mês, as indicações que formos recebendo da Divisão, acompanhadas dos Comentários e apelos que o Senhor nos inspirar.*

## «Fazei prova de mim...»

**Apelo a favor de um montante estabelecido sistematicamente referente às ofertas da Escola Sabatina, destinadas às Missões**

Como estamos reconhecidos a Deus por ter Ele animado o seu povo a demonstrar um apreciável espírito de generosidade e de sacrifício para com a Obra que lhe confiou! Dízimos e ofertas não cessam de aumentar, todos os anos. A maior parte dos membros da Igreja e da Escola Sabatina compreendem o significado da palavra sacrifício. Muitas vezes a pequenina moeda da viúva é dada por aqueles mesmos que alguns consideram incapazes de oferecer seja o que for, neste sentido! As ofertas dadas pelo povo adventista são uma fonte de surpresa para outras denominações religiosas, pelo que, continuamente se renova a mesma pergunta: como é que um povo tão pequeno é capaz de realizar uma tão grande obra?

Todos nós sabemos a resposta: é graças às ofertas contínuas destinadas a alcançar um alvo proposto, de cujo excedente se retira para a realização do programa de um esforço missionário que se estende a todo o mundo.

As somas recolhidas revelam que o povo adventista está consciente das necessidades da Obra de Deus. A curva dos dízimos mostra a fidelidade da maior parte dos nossos membros para com esta instituição divina, mas cada um de nós está convencido de que seria possível fazer uma obra maior, se todos,

sem excepção, trouxessem o seu dízimo ao tesouro do Senhor.

Sabemos, de certo, que são numerosos e variados os projectos dignos de interesse que exigem um apoio financeiro contínuo e sempre, cada vez mais importante. Como se poderá estabelecer o quantitativo das ofertas? Eis uma pergunta que cada família deve formular e considerar, em particular.

### **Regras, em ponto de honra, em Israel, a propósito das ofertas**

Na antiga Igreja de Deus, tal como na de hoje, o dízimo era consagrado ao Eterno. Malaquias, o último profeta em Israel, afirma, claramente: «Trazei todos os dízimos à casa do Senhor, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância.» (Mal. 3:10).

Se há uma certa prosperidade material e se a Igreja desfruta das bênçãos do alto, é na fidelidade e na obediência às ordens do Senhor que temos de procurar a causa. O facto de a Igreja Adventista ter sido capaz de efectuar uma tal tarefa, em tão pouco tempo, é a prova de que Deus cumpre as promessas que fez.

As dádivas, em Israel, não se limitavam a esta ordenança sagrada. O dízimo era devido ao Eterno, era, certamente, um dever dá-lo, mas, além disso, também, o povo trazia ao tesouro de Deus, ofertas liberais, generosas, avaliadas, num quarto ou num terço dos ganhos de cada qual. Não é só a respeito do dízimo que os Israelitas eram encorajados a considerar as suas responsabilidades, mas também o eram a respeito das ofertas voluntárias. O Antigo Testamento declara: «...o que deres, será tributo voluntário da tua mão, conforme o Senhor teu Deus te tiver abençoado.» (Deut. 16:10).

Se se deixa ao que dá o cuidado de decidir acerca do montante das suas ofertas, o princípio destas está, assim estabelecidos: segundo as bênçãos concedidas. Que é possível pretender enganar o Eterno no tocante aos dízimos e às ofertas, é denunciado por Malaquias, nos seguintes termos: «...e dizeis: Em que te roubámos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas.» (Mal. 3:8).

### **Um tesouro no céu**

Que haja, aqui na terra — e de muito longe! — coisas muito mais importantes que o bem-estar e a riqueza, foi posto em evidência por Jesus, quando disse: Ajuntai tesouros no céu... porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.» (Mateus 6:20, 21).

Aqui temos, sem dúvida alguma, um conselho dos mais apropriados para a nossa época. São numerosos,

*(Continua na pág. 10)*

# «LEMBRA-TE....»

## do dia de SÁBADO para o SANTIFICAR »

PASTOR G. CUPERTINO

Por ocasião do recente Conselho de Inverno da nossa Divisão, que se realizou em Basileia, no passado mês de Novembro, os delegados pediram que fosse consagrado um dia especial — escolheu-se o Sábado, 13 de Fevereiro de 1965 — a recordar uma importante necessidade: reafirmar o significado profundo do dia de repouso e cuidar, ciosamente, da santificação profunda deste santo dia de Sábado. O presente artigo tem por objectivo contribuir, igualmente, para a realização desta iniciativa, cujo valor espiritual é evidente.

Podemos comparar a piedade a um fogo: abandonada a si mesma, diminui e morre. Mas, reavivada pela exortação, a sua chama encontra o seu vigor desaparecido e brilha com um novo esplendor. Por isso, acreditamos firmemente que não é supérfluo pôr em evidência o sentido profundo e único do Sábado, e o perigo que corremos, se o esquecermos.

Acontece conosco o mesmo que aconteceu com o apóstolo Paulo: «não desconhecemos os planos de Satanás». Sabemos que, desde sempre, o grande inimigo se encarna contra a Lei de Deus e particularmente contra o Sábado, centro do Decálogo. A História revela-nos qual é a tática que ele emprega para tal efeito. Uma vez, esforça-se ele por fazer ignorar ou negligenciar o Sábado, apagando-a da memória. Porém, àqueles que se lembram de que este dia é sagrado, também ele prepara as mais variadas armadilhas. O passado ensina-nos muita coisa a este respeito: o diabo incita tais crenças a cercar o Sábado de tantas limitações de inspiração humana, a fazer depender a sua observância de tantas prescrições que caem, assim, no legalismo e que o Dia do Senhor se torna para todos um fardo, em vez de um benefício. Re-

petimos, mais uma vez: entre os dois extremos da negligência e do legalismo, fica-nos «a estrada principal» da santificação do Sábado, conforme o espírito e a vontade de Deus.

### O que não é o Sábado

O Sábado não é um fardo, mas um privilégio. Não fomos criados por Deus para prestarmos qualquer culto ao Sábado: o Sábado é que foi instituído para bem do homem (Marcos 2:27,28). Isto, porém, não quer dizer que ele seja um simples dia de feriado que nós possamos consagrar aos nossos ócios ou aos nossos divertimentos. O Sábado é, antes de mais «o dia do Senhor» posto à parte para fazermos, precisamente, o que o Senhor quer que façamos. E Deus quer que o Sábado seja uma ocasião de comunhão especial com Ele. Pela assistência aos serviços religiosos, pela meditação dos grandes livros da Bíblia e da Natureza, o Criador deseja levar-nos a pensar nas coisas que são do alto e não naquelas que estão na terra (Ver Col. 3:2).

O Sábado também não deve ser um dia de tristeza e de corveias, isto é de impostos ou contribuições morais ou físicos. Um certo prêgador que exigia muitas vezes dos fiéis que jejuassem no dia de Sábado, semeou, por este modo, no coração dos adolescentes da sua igreja, germes de irritação e de revolta que, infelizmente, provocaram, mais tarde, apostasias. SÁBADO não é sinónimo de *penitência*, de *dever moroso e pesado*. Esta palavra não tem no pensamento de Deus o significado de *recalcamento de actividades legítimas*. Foram os homens, cúmplices inconscientes de Satanás quem desnaturou o espírito deste dia apre-

sentando uma falsa interpretação da letra da Escritura.

### O que é o Sábado na Bíblia

Desde a origem da raça humana que encontramos duas instituições criadas para a felicidade do homem: o casamento e o Sábado. Se estes dois pilares da felicidade terrestre tivessem conservado a sua constituição e o seu aspecto primitivo, o mundo actual seria um paraíso. As tragédias familiares não existiriam e o casamento, realizado de acordo com o plano divino estaria invariavelmente na base dos lares felizes. Por outro lado, também o dia de repouso não seria o que é hoje, infelizmente: o dia do homem, o dia da semana, no qual mais se peca, no qual — mais do que em qualquer outro dia — se pensa em si mesmo e na satisfação dos prazeres egoístas.

O ideal divino do Sábado está assim esboçado no livro do profeta Isaías: «Se desviáres o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no meu santo dia...» (58:13). Este versículo faz ressaltar o contraste que existe entre a verdadeira filosofia da observância do Sábado e a do mundo. Efectivamente, na base do repouso do domingo, encontra-se, geralmente, a ideia de uma libertação momentânea do trabalho penoso dos seis dias, com a possibilidade de dispormos deste tempo para nos divertirmos. Temos de sublinhar este facto capital: há uma relação estreita entre um dia sublinhar este facto capital: há uma relação estreita entre um dia de repouso determinado e a religião que ele representa. Se um homem vive sem Deus, conhecendo apenas os seus próprios desejos, é evidente que passa o seu dia de liberdade a satisfazer os seus impulsos naturais. Compreende-se, portanto, porque é que os cristãos que perderam de vista a verdadeira na-

tureza do Sábado se unem, mais ou menos ao resto dos homens para fazerem do domingo um dia de férias. Do mesmo modo, se os Adventistas considerassem o Sábado como um simples dia de liberdade, durante o qual estivessem dispensados das suas actividades ordinárias, isto era sinal de que teriam esquecido ou renegado a vontade de Deus a respeito deste Dia, o que os privaria, então, das mais ricas bênçãos divinas.

Lá temos a Bíblia para denunciar as tentativas de Satanás para arrastar os fiéis a lançarem no esquecimento o dia de repouso. Também ela nos conta as tentativas comoventes dos profetas que quiseram levar Israel a santificar o Sábado. Satanás cegara os homens a ponto de lhes fazer dizer: «Quando passará... o Sábado, para podermos vender o grão?» (Veja Amós 8:5).

As pessoas que falavam assim não tinham senão a aparência da piedade, tinham-lhe negado a força. (Veja 2 Tim. 3:5). Os profetas, anteriores ao exílio prêgaram a ruína do povo por causa da profanação do Sábado. Depois do exílio, vemos estes mesmos profetas reconstruir as muralhas de Jerusalém para protegerem Israel da apostasia e das transgressões sacrílegas do Sábado (Ver Neemias 13). Quantas vezes Jesus, por sua vez, não procurou, por actos e palavras, limpar o Santo Dia das escórias nas quais os homens o tinham envolvido!

No pensamento deve Deus, o Sábado de constituir o *repouso completo do homem completo*: sob o ponto de vista físico, é um pequeno descanso após os trabalhos quotidianos, fastidiosos e esgotantes da semana; sob o ponto de vista intelectual, é um descanso da tensão causada pelas responsabilidades; é um repouso refrescante, porque é consagrado à contemplação das maravilhas da natureza. Sob o ponto de vista espiritual, finalmente, o Sábado deve ser o verdadeiro repouso do coração: «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei» (Mateus 11:28). Durante a semana, as coisas da terra preocupam o homem com os cuidados e as obrigações, muitas vezes custosas para execu-

tar. O Sábado, pelo contrário, deveria aproximá-lo do paraíso perdido. Uma das exortações do apóstolo Paulo consiste precisamente em pôr em prática o verdadeiro espírito do Sábado. Ei-la:

«...Buscai as coisas que são de cima... e não as que são da terra.» (Col. 3:12). Para este efeito, Deus e a Igreja têm, de reserva, preciosas ajudas destinadas aos fiéis. Contudo, as «coisas que são de cima» não são apreciadas, devidamente, mesmo pelo convertido. É inútil exigir daquele que ainda não deu, realmente, o seu coração ao Senhor, que respeite o Sábado. Para uma tal pessoa, a observância deste dia não é senão uma «lei» estranha à sua vontade, e se ele for obrigado a obedecer-lhe, sujeita-se, apenas, de má vontade. É, pois, importante, sublinhar isto: não temos necessidade de regulamentos a seguir, mas sim de uma nova mentalidade a cultivar. As crianças, cujo juízo está em formação, temos de apresentar exemplos em vez de leis, enunciando-lhes, assim, os verdadeiros princípios. Este método é menos fácil de aplicar do que o que tem o autoritarismo por base; exige mais paciência, mas é o preço que temos de pagar se quisermos evitar «desembolsos» mais importantes para o futuro!

### O Sábado, no século vinte

O Sábado foi sempre necessário. Ainda o é, mais que nunca, neste nosso século, de tensão febril. A Mensagem Adventista, que dá uma resposta a todas as questões capitais do homem moderno — e às suas dificuldades (alcoolismo, tabagismo, espiritismo, etc.) — possui, também a solução de um dos problemas típicos da nossa época: o da utilização do tempo livre que oferece a semana de cinco dias. «Que fazer dos dois dias feriados semanais?» perguntam, ansiosamente, os sociólogos.

O povo adventista tem uma resposta «exacta» a esta pergunta: foi buscá-la à Bíblia. Se todos os homens fizessem do Sábado «o Dia do Senhor», o domingo ficaria livre para se entregarem a actividades úteis, diferentes das do resto da semana.

Mas os Adventistas arriscam-se, contudo, na hora presente, a succumbir à influência da mentalidade mundana e a não distinguir, nitidamente, o que é santo daquilo que o não é. Tal perigo deve inspirar reflexões salutareas:

### 1. Aos pais

Que exemplos têm os filhos, em casa? Os conselhos da Irmã White — essa mãe que soube conciliar as responsabilidades familiares e a vocação profética — têm sido seguidos? «Toda a semana deve ser consagrada a prepararmo-nos para o Sábado... Devemos vigiar, ciosamente, o começo e o fim do Sábado... Temos de banir do espírito, antes da entrada das horas sagradas do Sábado, todas as preocupações de ordem temporal, com o mesmo cuidado com que temos de evitar o trabalho físico.» — *Testemunhos*, Vol. II, págs. 361-363.

Qual deve ser o vestuário no dia de Sábado? «Há muita gente que tem necessidade de ser ensinada sobre a maneira como se deve apresentar nos cultos do Sábado. Não devemos aparecer diante de Deus, com o fato de trabalho. Todos temos de ter de parte, para o Sábado, um fato ou vestido especial, o fato novo.» — *Idem*, p. 362.

Que dizer, finalmente, da comida? «...Não se segue, necessariamente, que temos de tomar os alimentos frios... É preferível aquecer os alimentos que tenham sido preparados, na véspera. As refeições devem ser boas e apetitosas. Prepare-se qualquer coisa que possa ser considerada como um mimo, qualquer coisa que não apareça, todos os dias, na mesa.» — *Idem*, p. 365.

Se o Sábado é uma bênção para os pais, sê-lo-á também, para os filhos, que dele se lembrarão, durante toda a vida.

### 2. Aos pastores

São eles o vivo exemplo do rebanho. O que o pastor diz, o que ele faz, a sua atitude para com o Sábado são tantos outros elementos de uma prêgação constante, de

(Continua na pág. 24)

# A Destruição de Jerusalém

Prof. SIEGFRED H. HORN

Neste artigo vamos recordar, mais uma vez, o reino de Judá, retomando o fio da história deste minúsculo país, onde o tínhamos deixado por ocasião da subida ao trono de Zedequias.

Este novo soberano permaneceu fiel a Babilónia, durante vários anos e, como já se disse no artigo precedente, no quarto ano do seu reinado empreendeu uma viagem ao vale mesopotâmico, como fiel vassalo de Nabucodonosor. Mas no país governado por Zedequias, havia um forte partido filo-egípcio, e o monarca não tinha, como se costuma dizer, uma espinha dorsal bastante forte para fazer frente ao partido anti-caldaico.

Não é, portanto, para causar maravilha que os Egípcios conseguissem, mais uma vez, fomentar a revolta contra os Caldeus. Jeremias conjurou a nação e os seus chefes a não cederem às promessas lisonjeiras dos enviados egípcios, que tentavam convencer Zedequias a atraiçoar a sua lealdade para com Nabucodonosor. Jeremias em Judá e Ezequiel na Babilónia fizeram todo o possível para convencer os Judeus e o rei de Judá de que todo o acto de insubordinação contra Nabucodonosor se resolveria fatalmente em futuras ruínas e destruições do país; mas os seus apelos não foram ouvidos.

Os anais egípcios informam-nos de que em 590 A. C. Psamético II, soberano do Egipto, visitou a Palestina, não à frente de um exército, mas de um numeroso grupo de cortesãos e de sacerdotes. Não sabemos qual foi o objectivo desta viagem, mas podemos supor que se destinasse a criar dificuldades aos babilónicos e a promover entre os pequenos estados palestinianos uma liga anti-caldaica. Zedequias foi tão imprudente que entrou na dita liga, e a rebelar-se contra a Babilónia.

Ezequiel denunciou com palavras escaldantes tal estado de coisas e advertiu que Deus castigaria severamente quem violasse o seu solene juramento de fidelidade feito em nome de Jeová (Ezequiel 1f:13--16).

Também Jeremias se opôs enérgicamente contra esta reviravolta do rei, mas a sua resistência à política oficial do governo do país, levou-o à prisão (Jeremias 32:1-3, 11-15; 38:5,6).

A guerra foi inevitável. Nabucodonosor, logo que foi informado da traição de Zedequias, partiu de Babilónia com o seu exército, para o país de Judá, onde chegou antes do fim de 598 A. C. No mês de Janeiro do ano seguinte começou o assédio de Jerusalém. No entanto, o território do infeliz país era devastado e as suas cidades conquistadas e destruídas. No capítulo 34 do livro de Jeremias lemos uma profecia proferida que só duas cidades, além de Jerusalém —Láquis e Azeka—resistiam ainda aos Babilónios (versículo 7). Tal situação reflecte-se também nas famosas Cartas de Láquis, escritas naquele tempo por um oficial do exército judaico e descobertas pelos arqueólogos, em 1938, nas ruínas de Láquis.

Jerusalém resistiu ao cerco durante dois anos e meio. Em dada altura, o cerco foi levantado, porque em socorro de Judá tinha ido o exército egípcio tendo à sua frente o faraó Ofra. O moral dos Judeus ergueu-se, porque parecia que os Egípcios, tão esperados, fossem, finalmente, libertá-los; Jeremias, porém, havia predito que Jerusalém não podia esperar nenhuma libertação. Mesmo que os Babilónios fossem batidos a tal ponto que apenas sobrevivessem alguns soldados feridos, pois estes mesmos teriam, igualmente, tomado Jerusalém tornando-a pasto

das chamas (Jeremias 37:5-11). Não se conhece o resultado da batalha entre os exércitos egípcio e babilónico, mas a predição de Jeremias cumpriu-se: os Babilónios voltaram e renovaram o cerco.

Jerusalém foi tomada em Julho de 586 A. C. depois de um longo assédio, durante o qual faltou toda a alimentação na cidade. Zedequias tentou fugir e, efectivamente, conseguiu abandonar a cidade, mas foi capturado nos arredores de Jericó e foi conduzido a Ribla, na Síria, onde Nabucodonosor tinha estabelecido filhos de Zedequias foram mortos os olhos ao monarca e levado em ferros para Babilónia, onde morreu. Jerusalém foi saqueada pelos soldados babilónicos, que roubaram os vasos sagrados do Templo, porque desde a época salomónica se erguiam à entrada do sagrado edifício, assim como outros muitos agricultores judeus foram levados para Babilónia, nesta terceira deportação; foi em Agosto de 586, A. C. que Jerusalém foi pasto das chamas (2 Reis 25:1-21).

Ficaram no país as pessoas mais pobres e aqueles que de qualquer modo tinham conseguido desertar do exército, antes tivesse terminado a resistência. Formaram todas estas pessoas o núcleo de uma nova província babilónica sobre a qual foi nomeado o Nabucodonosor, como governador, um judeu nobre chamado Gedalias. Entre os que ficaram em Judá, estava também o profeta Jeremias. Os babilónicos deixaram-no em liberdade podendo ficar em Jerusalém ou ir para a Babilónia (Jeremias 60:2-4), pois consideravam-no seu amigo, uma vez que ele condenara, durante vários anos qualquer revolta contra Nabucodonosor. Porém, ele não fizera tal condenação movido por qualquer simpatia para com os Caldeus, mas apenas para obedecer à ordem do Senhor. Para

não passar por traidor aceitando os favores dos odiados Babilônicos, sentido de ir para Babilónia e preferiu ficar na sua pátria devastada.

Logo que os Babilônicos saíram de Judá, Gedalias, o governador judeu posto por Nabucodonosor sobre a população que ficara em Judá, foi assassinado por Ismael, um ex-general judeu desiludido. Depois destes acontecimentos os Judeus de Mispa, a capital provisória de Gedalias, temeram a reacção dos Babilônicos e por isso fugiram para o Egipto levando consigo Jeremias e o secretário deste, Baruc. (Jeremias 40:7 a 43-7). Deste modo o grande profeta foi para o Egipto, onde provavelmente viveu os seus últimos anos.

Os anos em que decorreram os acontecimentos descritos devem ter sido bastante duros para homens leais como Daniel e Ezequiel. Amavam a sua pátria, mas também eram leais ao seu senhor babilónico em cujas mãos Deus os havia entregado. Pela terceira vez Daniel viu míseras colunas de Judeus prisioneiros — ricos e pobres, homens e mulheres, velhos e jovens — chegarem a Babilónia para engrossar o exército dos trabalhadores e dos escravos. Bem sabiam eles que todas aquelas desgraças tinham ferido os seus concidadãos, porque estes tinham esquecido o seu Deus e não haviam ouvido os avisos dos profetas.

Passaram os anos. Nabucodonosor efectuou outras campanhas militares uma das quais contra o Egipto em 568 A. C. de que apenas temos notícia unicamente por um fragmento de inscrição babilónica. Daniel envelhecera, mas continuou a ser o conselheiro do grande monarca, até mesmo quando este enlouqueceu, durante alguns anos (Daniel 4). Embora não estivesse sempre a exercer as suas funções de conselheiro, a sua lealdade e a sua integridade nunca falharam. Em 562 A. C. depois de haver reinado 43 anos.

Como muitas vezes acontece na História, quando desapareceu este grande monarca não houve ninguém da mesma ténpera que ocupasse o trono; todos os seus sucessores foram fracos. A Nabu-

ameaça que representava contra codonosor sucedeu-lhe o filho, Amel-Marduk, o bíblico Evilmerodac, do qual nada mais sabemos senão um acto da sua clemência para com Joaquim, a quem restituiu a liberdade, após vários anos de prisão (2 Reis 25:27-30). Depois de um breve reinado de dois anos, Amel-Marduk foi assassinado pelo próprio cunhado Nergalhar-usur, que usurpou o trono, mantendo-o durante quatro anos (560-556) A. C.). Do seu reinado apenas sabemos que promoveu duas campanhas militares. Fora destes episódios o seu reinado constituiu uma lacuna histórica. Depois da sua morte, ocorrida em 556 A. C., sucedeu-lhe o filho Labashi-Marduk que foi assassinado poucas semanas depois, por um grupo de conjurados chefiados por Nabonide, provavelmente, genro de Nabucodonosor.

Nabonide foi um homem estranho por vários aspectos da sua vida. Era apaixonado por coisas antigas; interessava-se mais pelos anais da sua história do que pela sua história presente. Por influência materna era adorador da deusa-Lua Sin, o que o tornou odioso aos Babilônicos, cuja divindade suprema era Marduk. Nabonide reconstruiu o templo lunar de Haran, do qual a mãe, na sua juventude havia sido sacerdotisa, e nomeou uma das suas filhas sacerdotisa do templo dedicado à Lua, em Ur.

No terceiro ano de reinado, enquanto dirige uma campanha militar em Hauran, na Síria oriental, Nabonide adoeceu e retirou-se para o Líbano, para se tratar, mandando chamar, ao mesmo tempo, o filho mais velho, Belshazzar. Quando este chegou, no Inverno de 553-552 A. C. Nabonide nomeou-o co-regente e colocou-o à frente dos exércitos. Recobrou a saúde e empreendeu uma campanha militar contra Tema, no interior da Arábia do Norte. Conquistada a cidade, pretendeu torná-la igual a Babilónia e ali se estabeleceu, pelo menos, durante dez anos.

Não sabemos por que Nabonide tenha fixado residência em Tema. O motivo que o impeliu para a Arábia terá sido a sua aversão pelos babilónicos e o ódio destes

últimos contra ele, ou então a Babilónia o crescimento do poder de Ciro, que ele previra com antecedência? Qualquer destes motivos ou ambos podem ter determinado a sua estranha resolução.

No entanto, Belshazzar governava em Babilónia. Parece que este príncipe era absolutamente incapaz de compreender tanto o espírito do seu povo como a gravidade dos tempos. Provavelmente, Belshazzar descurou os preparativos necessários para defrontar a ameaça que impedia sobre Babilónia. Para compreendermos os acontecimentos que se seguiram e a queda de Babilónia, temos de dirigir, agora, a nossa atenção para o Oriente e observar o que aqui se passava.

A SEGUIR

A queda de Babilónia e a subida da Pérsia

---

## A Nossa Escola Primária de Lisboa

No dia 23 de Dezembro deslocaram-se as alunas do Externato de S. Paulo, escola primária anexa à Igreja de Lisboa, acompanhadas de suas professoras, a um Asilo da Capital.

Do programa de visita constara a apresentação, pelas alunas da nossa escola, de algumas poesias, coros e peças infantis adequadas à época festiva em que nos encontrávamos, o que foi vivamente apreciado e aplaudido pelas crianças visitadas e suas dirigentes.

Ainda dentro do âmbito desta «Embaixada de Alegria» foram ofertadas pelas nossas alunas às crianças internadas, bolos, figos, nozes, rebuçados a fim de minorar um pouco a sua solidão.

Não queremos também deixar de salientar o espírito de compreensão revelado pelas nossas alunas e suas famílias pelo modo como contribuíram com a sua presença e ofertas a fim de alegrar o Natal daquelas para quem a vida não sorri.

# As Festas e os Sábados Cerimoniais na antiga Dispensação

(Conclusão do número anterior)

Cada um dos Sábados anuais recaía num dia determinado do mês, por conseguinte indeterminado na semana, e apenas ocasionalmente coincidia com o Sábado do 7.º Dia que é fixo no ciclo semanal. É como por exemplo um de nós fazer anos no dia 1 de Janeiro. Num ano passa esse dia numa segunda-feira, noutra numa terça ou quarta, conforme os anos se vão sucedendo. Era isto o que acontecia com os «Sábados» integrados nas festividades de Israel.

Quando S. Paulo escreveu aos Colossenses encontrava-se em Roma por volta dos anos 61-63 da nossa era. Com ele encontrou-se Epafras que era nesse tempo o dirigente da Igreja de Colossos. Foi ele quem contou a Paulo o estado fervoroso da sua comunidade, mas que uns certos doutores de tendências judaizantes começavam a perturbá-la. Estes falsos

doutores procuravam introduzir entre os cristãos as solenidades celebradas na Antiga Dispensação, tais como: luas novas, «Sábados», circuncisão, festividades religiosas, etc. É natural pois que S. Paulo escrevesse aos Colossenses para os preservar daquelas doutrinas contrárias à liberdade que temos em Cristo Jesus. É pela fé nos méritos de Cristo que podemos obter a salvação e não pela obediência e participação naquelas solenidades que encontrando o seu termo em Cristo, foram abolidas.

E, quando os nossos olhos passam pela instrutiva leitura da Epístola aos Gálatas e lemos a admoestação contida no Cap. 4:9-10, com a atenção que ele requer, não formulando juízos apressados, acabaremos por compreender com clareza que estes dias são os «sábados» e outros dias de festa fixados pela lei, os meses são as

novas luas que marcavam determinadas solenidades; os **tempos** indicam em geral as épocas consagradas às grandes festas, como a Páscoa; os **anos** designam outras solenidades, como o ano do jubileu, o ano sabático. Impôr estas observâncias e na sua prática procurar totalmente ou em parte a justificação diante de Deus, eis o que é atentar contra a graça de Deus, e que o apóstolo censura com tanto vigor». (L. Bonnet, Le N. T. v. III p. 34).

Manifistemos um sentimento de gratidão a Deus pela luz que Ele nos concede na Sua Palavra, oremos para que Ele nos faça mais firmes nos Seus caminhos e procuremos com amor e paciência transmitir estas Verdades àqueles que não têm o privilégio de as conhecer.

José Manuel de Matos.

## O Dia do Lar Cristão e o Altar da Família

(Continuação da pág. 1)

*dadeira alegria só se encontra no serviço desinteressado.*

*A longanimidade e a abnegação assinalam as palavras e os actos de todos quantos vivem uma nova vida em Jesus. Ao procurardes viver a sua vida, lutando por vencer o próprio eu e o egoísmo, a ajudar os outros nas suas necessidades, alcançareis uma vitória após outra. Assim a vossa influência abençoará o mundo.*

*Homens e mulheres podem atingir o ideal de Deus a seu respeito, se tomarem a Jesus como seu ajudador. O que a sabedoria humana não pode fazer, a Sua graça realizará pelos que a Ele se entregarem com amorosa confiança. A sua Providência pode unir corações com laços de origem celestial. O amor não será uma mera troca de suaves e lisonjeiras palavras. O tear do céu tece com urdidura mais fina, embora mais firme, do que se pode tecer nos teares da terra. O resultado não é um tecido débil, mas sim*

*capaz de resistir a fadigas e provas. Coração unir-se-á a coração nos áureos vínculos de um amor que é perdurável.» (O LAR, pág. 10).*

### O ALTAR DA FAMÍLIA

*No Lar Cristão deve ocupar o primeiro lugar o Altar da Família. «Se já houve tempo em que toda a casa deveria ser uma casa de oração, é agora esse tempo. Prevalecem a incredulidade e o cepticismo. Predomina a iniquidade. A corrupção penetra nas correntes vitais da alma e a rebelião contra Deus irrompe na vida. Pela sincera e fervorosa oração devem os pais erguer um muro, em torno de seus filhos. Devem orar com plena fé, que Deus habite entre eles e que santos anjos os guardem, a eles e a seus filhos, do cruel poder de Satanás.» (Testemunhos Seleccionados, vol. V, pág. 39).*

# NOTÍCIAS DO CAMPO

## DA FIGUEIRA DA FOZ

Ao dar notícias da Igreja da Figueira da Foz, quero primeiramente saudar os prezados leitores da nossa querida Revista, fazendo votos de muita prosperidade para todos, no ano de 1965.

Quanto à nossa Igreja, embora pequena, é constituída por membros animosos e fiéis.

O progresso aqui tem sido lento. O campo é duro. Mas a vitória tem tanto mais sabor, quanto mais renhida é a batalha.

Para se fazer uma ideia da dureza do campo, basta lembrar que há três anos não havia baptismos. Em Setembro, pela graça de Deus, baptizámos uma irmã que agora está passando pelo deserto da tentação, pois o marido proibiu-a de ir à igreja, tirando-lhe as chaves da porta de sua casa para não poder sair. Que os irmãos orem por esta irmã é o nosso sincero desejo.

Quanto às actividades missionárias aqui desenvolvidas com inscrições no Curso Bíblico por Correspondência e entrega de folhetos, esperamos que venham, com a bênção do Senhor, a dar frutos.

Nestes contactos tivemos uma experiência animadora. Uma senhora que se está mostrando interessada, e já foi à igreja, disse-nos quando um dia a visitámos: «a vinda dos senhores aqui tem-me feito bem».

No passado dia 19 de Dezembro, tivemos a visita do nosso prezado irmão Pastor Casaca, que veio inaugurar a «nova» sala. É certo que continuamos na mesma casa, mas as obras, feitas com o auxílio dos irmãos desta Igreja, tornou possível um arranjo que deu um novo aspecto à sala de culto, que agora apresenta um ambiente muito acolhedor.

A partir do dia 27 de Dezembro, iniciámos um esforço de evangelização com projecções luminosas, aos domingos à noite.

Trabalhamos ainda em Vieira de Leiria e Marinha Grande. Aqui demos início a uma série de estudos bíblicos em casa do nosso irmão José Gomes da Silva. Nos arredores da Figueira da Foz também temos estabelecido contactos e esperamos que no próximo ano o Senhor nos há-de ajudar, de modo a vermos almas a serem acrescentadas à Igreja para assim se salvarem.

Peço-vos que oreis pelo trabalho aqui.

Vosso irmão em Cristo,

*Arnaldo Borges Macedo*

## NOTÍCIAS DE PORTALEGRE

### Casamento

Realizou-se no dia 30 de Julho, na Igreja de Portalegre o enlace matrimonial dos jovens Maria Fernanda Barreto Carvalho e Manuel Damasceno de Carvalho, que foram sempre verdadeiras colunas da Igreja e Oficiais activos.

Ao novo casal desejamos as bênçãos de Deus e uma união Feliz.

### Festas do Natal

A juventude das nossas Igrejas andou muito activa a preparar o seu programa para a época do Natal. Cânticos, recitações, diálogos, etc., tudo é repetido constantemente para que a actuação seja perfeita.

Chegou o dia aprazado. De Portalegre desloca-se um grupo a S. Julião, no serão do Sábado dia 26 de Dezembro, onde vão dar a sua colaboração ao belo programa que os jovens Martinho Realinho, Maria José Pires Roque, Adelina Tavares Pires e outros, ali tinham preparado. Vimos prodígios de memória nas recitações de algumas crianças, que nos encantaram.

No Domingo seguinte, dia 27, era a vez de Portalegre. Um pro-

grama artisticamente elaborado e quase impecavelmente apresentado, deslumbrou os assistentes, durante mais de duas horas. Infelizmente a noite chuvosa e frio quase glacial impediu que muitas pessoas pudessem assistir.

Entre os actuantes queremos mencionar o trio de harmónicas de boca, os intérpretes dum diálogo que focava a maneira profana com muitos festejam o Natal, o grupo de meninas que pela primeira vez tomavam parte nos nossos programas, no seu número de cântico: as fiéis velinhas, etc.

Foram incansáveis na preparação deste programa a jovem Manuela Lourinho e a secretária da Juventude Cecília Brito Lobato, além da boa vontade de todos.

O programa foi dirigido admiravelmente pelo director da Sociedade, Pastor Manuel Lourinho. No final as crianças foram contempladas com os doces e agradáveis frutos da árvore, onde não faltavam belas surpresas para muitos, como frutos do amor, graças às ofertas de vários irmãos recolhidas pelo Irmão Vicente Barreto.

Na Segunda-feira seguinte para dar novamente a sua colaboração, desloca-se outro grupo de jovens, à Ribeira de Nisa, umas duas dezenas, a engrossar o programa local, que os jovens dali, embora poucos, nos apresentaram, dentro das suas possibilidades.

O frio intenso aconselhava outro lugar mais ameno, mas os assistentes que enchiam a sala mantiveram-se até final. Duas horas de recitações, cânticos e diálogos...

Tudo isto foi possível graças à boa vontade do Pastor Lourinho em transportar estes jovens e ao Missionário António Maurício que igualmente aceitou em levar também alguns componentes à Ribeira de Nisa.

Está ainda planeada outra festa em Comenda, no dia 2 de Janeiro, para onde tencionamos deslocar alguns jovens.

*(Continua na pág. seguinte)*

(Continuação da pág. anterior)

No dia 13 do passado mês de Dezembro, consorciaram-se os nossos prezados Irmãos Dr.<sup>a</sup> Eunice Velez Raposo e Joaquim Dias, Chefe dos Colportores da União Portuguesa.

A igreja-mãe de Lisboa vestiu as suas melhores galas, tendo assistido

uma inspirada composição de Bach, acompanhada a órgão pelo Evangelista Cordas.

No final da cerimónia, todos os presentes saudaram, cordialmente, os noivos que receberam, também, uma chuva de flores à sua passagem.

Cumprimentando o nosso prezado Irmão, Pastor Raposo e sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa, desejamos, igualmente, para o novo lar adventista as melhores e mais preciosas bênçãos divinas.



Os noivos

à cerimónia numerosíssimos cren-tes, amigos e conhecidos dos noivos.

Presidiu à cerimónia o Director da União, Pastor Casaca que proferiu uma vibrante alocução na altura própria.

O Pastor Laranjeira, na qualidade de Pastor da igreja dos nupentes dirigiu-lhes as boas-vindas, saudando-os, efusivamente.

A cerimónia teve o concurso do Coro da Igreja de Lisboa, de que é Directora a noiva e que, nesta cerimónia foi dirigido pelo Evangelista Daniel Cordas.

Também se fez ouvir com agrado geral a Dr.<sup>a</sup> Maria do Céu Figueiredo, colega da noiva, que can-

## Reparação de Igrejas

As lamentações que em notícias de Junho fazíamos, foram já em parte resolvidas e outras em vias de resolução.

S. Julião já tem a sua casa reconstruída e sólidamente, para dar início aos trabalhos.

As despesas da remodelação planeada vão muito além do que a doação feita nos permite fazer, pelo que nos servimos da Revista Adventista para fazer um apelo aos Portalegenses e amigos, que nos permitam, com alguma oferta, engrossar a verba para que Portalegre possa ter uma sala de culto

## «FAZEI PROVA DE MIM...»

(Continuação da pág. 3)

à nossa volta, os que desfrutam do conforto de uma civilização material.

Como nos é fácil fixar a atenção sobre as coisas deste mundo e como valeria infinitamente mais termos a visão celeste da tarefa acabada e da recompensa eterna!... Por intermédio da Mensageira de Deus, fala-nos Ele do cuidado que devemos dispensar à questão das dádivas e das ofertas. «Não deve esta questão ser deixada ao nosso entusiasmo momentâneo. Deus deu-nos instruções precisas a este respeito. Os dízimos e as ofertas incluem-se nas nossas obrigações morais. O Senhor deseja que as nossas dádivas e ofertas sejam feitas de uma maneira régular e sistemática... Posto o dízimo de lado, que o montante das nossas dádivas e ofertas seja calculado segundo o grau de prosperidade que Deus nos concede.» (Counsels on Stewardship, págs. 80, 81).

Nenhuma recompensa maior pode advir a um cristão convicto, do que a de ver a Obra de Deus desenvolver-se, tendo ele a consciência, para cada fase da prosperidade da mesma Obra, de ter cumprido e estabelecido sistematicamente a sua parte, na medida das suas possibi-

lidades. É só agindo desta maneira, que o membro da igreja pode conhecer tal satisfação. Neste sentido muitos de entre nós têm encontrado uma bênção muito especial para dar um segundo dízimo, ou a consagrar a diferentes aspectos da causa de Deus uma parte dos seus ganhos e dos seus rendimentos.

## Ofertas à Escola Sabatina

De todas as ofertas feitas a Deus, nenhuma é mais importante nem mais rica, em graças divinas derramadas sobre a Obra como as apresentadas à Escola Sabatina. São consagradas ao nosso esforço missionário nos países ainda primitivos e imprimem-lhe uma força considerável. Uma grande parte do nosso orçamento missionário anual é constituído pelas colectas da Escola Sabatina. A do 13.º Sábado tem sido, muitas vezes, ocasião de grandes bênçãos, porque permite realizar projectos particulares, que os meios financeiros muito fracos da Igreja, como tal, não permitiriam realizar. A mesma possibilidade é oferecida a outras partes do campo mundial, quando chega a sua vez de serem eles os beneficiados desta oferta.

# ELEIÇÕES

**A**LGUNS grandes países estão sendo agitados pela campanha dos candidatos e eleitores, que quase passam pelo extremo da loucura, lançando nessas campanhas as melhores habilidades e estratégia e de cuja eleição pode depender a política desses países e talvez mesmo do mundo. Calma e sossego ou agitação e mal-estar, tudo pode depender da eleição e dos homens a ser eleitos.

condigna e agradável nestes invernos inclementes.

Ribeira de Nisa: estamos estudando a maneira mais económica de termos a Igreja sem o aspecto desolador a que chegou.

## Visitantes

Em visita particular esteve alguns dias em Portalegre o Pastor A. Casaca e Família, que acedeu a dirigir a exposição da Palavra de Deus, na manhã do Sábado dia 26 de Dezembro, nas Igrejas de Ribeira de Nisa e Portalegre, aproveitando também a tratar de alguns assuntos de interesse para as Igrejas desta zona. O jovem Carlos Casaca ainda nos deu a sua valiosa colaboração na festa de Domingo em Portalegre.

## Alvos

Pela Graça de Deus podemos dizer que todos os alvos financeiros desta zona foram alcançados e outros ultrapassados.

Há dificuldades por aqui como em qualquer outro lugar; alguns jovens estão a cumprir o serviço militar, que graças a Deus não têm tido dificuldades de maior nos seus deveres religiosos.

Aos nossos prezados leitores, pedimos que orem pelo trabalho do Senhor aqui pelo Alto Alentejo e por todos os irmãos que pedem as nossas e as vossas orações.

Vosso colaborador em Cristo

*Francisco Cordas*

S. Pedro na sua 2.<sup>a</sup> carta, capítulo I verso dez, recomenda a cada um fazer cada vez mais firme a sua vocação e eleição, por que fazendo isto jamais tropeçareis.

«Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição, porque fazendo isto, nunca jámais tropeçareis.»

Somos eleitos para ser salvos, mas precisamos tornar mais firme essa eleição. O eleito tem de ser digno da eleição e deverá procurar não trair a confiança que os eleitores nele depositaram. Se o não fizer, a eleição pouco lhe valerá e está perdido.

O eleito ou escolhido do Senhor, precisa guardar a fé — Apoc. 3:11, para que outro não venha tomar a sua coroa.

O atleta não recebia naquele tempo uma taça como recompensa pela vitória alcançada, mas uma coroa, por vezes de simples louro, cujo significado era altamente considerado. Tomar a coroa significa aqui — tomar o lugar ou a recompensa.

O cristão tem de guardar a fé pela qual o Senhor o elegeu ou outro será eleito no seu lugar. A coroa ou recompensa é dada mediante condições (Apc. 2:10), conforme guardares a paciência assim serás guardado.

Somos eleitos desde a fundação do mundo (Efés. 1:4), porque conhecia antecipadamente o carácter que se devia desenvolver e é isto que por vezes se chama «predestinação». Deus predestinou o carácter, não o José, o Manuel, o Joaquim, a Maria ou a Antónia, como indivíduos; pode-se hoje ser eleito e deixar de o ser pelo pecado e pode-se não ser hoje e ainda o poder algum dia ser; tudo depende da nossa obediência.

Deus deseja a salvação de todos (I Tim. 2:4) e todos podiam ser eleitos ou salvos, se obedecessem à Lei de Deus e vivessem para o Senhor; todos temos a possibilidade de sermos eleitos-escolhidos, de nos salvarmos.

O pecado de Adão que herdamos por nascimento, já o Senhor providenciou remédio, com o sacrificio da cruz, mas os nossos próprios pecados pesam sobre a nossa escolha, nossa eleição, e a não ser que os confessemos e os deixemos teremos como recompensa a rejeição e morte eterna.

Crej, é a condição (Actos 16:31), aceitar a Salvação que o Senhor graciosamente oferece.

A obediência não consiste num certo prazo de tempo mas por toda a vida, todos os dias da nossa existência (Apoc. 2:10); S. Mat. 24:13). Até à morte, até ao fim, são as expressões usadas.

A salvação é um acto voluntário. O Senhor deseja, tem vontade, que todos se salvem, mas não força a isso. Em Salmos 18:25, 26, diz que com o benigno te mostrarás benigno, com o sincero te mostrarás sincero, com o puro te mostrarás puro, mas com o perverso te mostrarás indomável.

Nota-se que o Senhor apenas concede a recompensa ou eleição, mediante a escolha ou a firmeza como fazemos a nossa vocação ou chamado para a eleição.

Os juízos que endureceram o coração de Faraó, abrandaram outros corações; a diferença estava nos corações e na maneira como os juízos foram recebidos. O mesmo sol endurece o barro, amolece a cera. É o mesmo sol, somente os materiais são diferentes.

Se alguém quiser fazer a minha vontade... é sempre o convite que o Senhor nos faz. Josué 24:15; Escolhei hoje a quem sirvais...

Apc. 22:17; Quem quiser tome de graça da água da vida...

A nossa eleição é sempre ganha com o nosso voto.

Deus vota a nosso favor:

Satanaz vota contra.

Logo onde lançarmos o nosso voto decide a nossa eleição.

Prezado irmão em Cristo e leitor, onde tencionas votar o teu destino?

O que vencer (a sua tentação ou inclinação para o mal) será vestido de vestes brancas e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida... será eleito do Senhor. Apc. 3:5.

*Francisco Cordas.*

# O IDEAL DA OBRA DE EDUCAÇÃO

J. ALEGRIA MORGADO

«O ideal de Deus para com os Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o mais elevado pensamento humano» C.P. 329.

Esta passagem inspirada chama a nossa atenção para dois pontos essenciais na obra educativa:

- a) o que Deus está exigindo da Sua juventude
- b) o que Deus está exigindo da Sua Igreja.

Comecemos pelo fim:

*O que Deus está exigindo da Sua Igreja:*

Cabe uma grande responsabilidade à Igreja, de proporcionar aos seus jovens, os meios adequados, que permitam o «desenvolvimento harmónico das suas faculdades físicas, intelectuais e espirituais».

Pela experiência que nos tem sido dado observar, tanto no campo missionário, como do Europeu, não foi ainda, na maior parte dos casos, compreendido, tanto pela Igreja como por alguns dos seus dirigentes a importância da obra educativa. O resultado está à vista:

1. Quantos filhos de obreiros estão hoje afastados ou desinteressados da fé?
2. Quantos rapazes e meninas, que poderiam dar à Igreja, não só bons membros como bons obreiros, estão dando os seus melhores esforços para o mundo?

De quem será a culpa?

Creio que todos compreendemos que é da «frequência das escolas do mundo».

«É para fortalecer os jovens contra as tentações do inimigo, que estabelecemos escolas onde possam

habilitar-se para serem úteis nesta vida, e para o serviço de Deus através da eternidade». «C. P. 446/447».

Deus teve sempre um plano, para que o Seu povo encontrasse solução para a educação dos seus filhos.

Vejamos rapidamente esse plano:

- a) Escola do Eden (Génesis 2:8, 9, 15)

Aqui encontramos descrita a escola modelo:

A sala de aulas = o jardim de Eden  
o compêndio = a natureza  
o professor = o próprio Criador  
os alunos = os pais da família humana.

«Em seu interesse em prol de Seus filhos, o nosso Pai celestial dirigia pessoalmente a Sua educação» Ed. pág. 21.

«Outras vezes, caminhando pelo jardim com a frescura do dia, ouviam a voz de Deus, e face a face entretinham comunhão com o Eterno» Ed. pág. 21.

«Em cada folha da floresta ou pedras das montanhas, em cada estrela brilhante, na terra, no mar, no céu, estava escrito o nome de Deus» Idem, pág. 21.

«A glória de Deus nos céus, os incontáveis mundos, os mistérios da luz e do som, do dia e da noite — tudo era objecto para estudo, aos alunos da primeira escola terrestre» Ed. pág. 21.

«O jardim do Eden era uma representação do que desejava se tornasse a terra toda; e era seu intento que à medida que a família humana se tornasse mais numerosa, estabelecesse outros lares e escolas semelhantes à que Ele havia dado» Ed. pág. 22.

Mas, o pecado transtornou completamente o plano e o «homem perdeu tudo» Ed. pág. 22.

b) A Educação no lar

A primeira escola «fechada» Deus desejou, no entanto, que o plano de educação para os seus filhos fosse levado avante e confiou à família essa responsabilidade. Diz em Génesis 18:19 — Porque eu tenho conhecido, que ele há-de ordenar (*ensinar*) a seus filhos e a suas filhas depois d'ele para que guardem o caminho do Senhor..... e em Deuterónimo 11:1819 .....e ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa.....

«Deus provia às escolas assim estabelecidas as mais favoráveis condições para o desenvolvimento do carácter» Ed. 33. «A família era a escola, e os pais os professores» (Ed. 33).

«Eram cultivadores do solo e guardas dos rebanhos, e nessa vida livre, independente, com as suas oportunidades para o trabalho, estudo e meditação, aprendiam acerca de Deus e ensinavam os filhos a respeito de Suas obras e caminhos» (Ed. 33).

Mas, o plano de Deus não foi cumprido integralmente pelo homem» pois «Em muitíssimos lares o ensino designado pelo céu bem como os caracteres por ele desenvolvidos, eram igualmente raros. O plano de Deus não cumpriu senão parcialmente e imperfeitamente» (Ed. 33).

Assim, Deus apresentou ao Seu povo, outro plano para que os Seus filhos pudessem encontrar de novo o caminho que a Ele conduz. Surgiram assim:

- c) as Escolas de Profetas (II Reis 6:1-7, 4:38).

«Para tal fim, Samuel reuniu grupos de moços piedosos, inteligentes e estudiosos. Foram eles chamados os filhos dos profetas» (Ed. 46).

«Enquanto estudavam a palavra e as obras de Deus, o Seu poder vi-

vificante despertavam-lhes as energias da mente e da alma, e os estudantes recebiam sabedoria do alto. Os Instrutores não só eram versados na verdade divina, mas tinham pessoalmente gozado comunhão com Deus, e obtido concessão do Seu Espírito» (Ed. 46).

Que se estudava nessas escolas?

— Liam os escritos e rolos sagrados

— estudavam os livros da Lei

— estudavam história sagrada

— estudavam música sacra

— estudavam Poesia

Como se mantinham os alunos nessas escolas?

Em 2 Reis 4:42, diz que a alimentação era dada pelo povo e quando esta não chegava, Deus a fazia crescer por milagre (2 Reis 4:43, 44) — Diz mais em 2 Reis 2:16, que havia trabalho manual na escola, pelo qual os alunos se mantinham.

«Os alunos destas escolas mantinham-se com o seu próprio trabalho de cultivar o solo, ou com alguma ocupação mecânica» (Ed. 46).

As condições da escola eram de tal maneira que as próprias casas em que viviam eram construídas pelos alunos (2 Reis 6:1-4) e as ferramentas por vezes pedidas emprestadas» (2 Reis 6:5).

A preparação na escola, visava todas as faculdades do ser humano. «Todo o jovem, fossem ricos ou pobres, eram instruídos em algum ofício. Mesmo que devessem ser educados para mestres sagrados, um conhecimento da vida prática era considerado essencial à maior utilidade. Muitos dos professores também se mantinham pelo trabalho manual (Ed. 47).

Para nós, bem como para o Israel antigo, o êxito na educação depende da fidelidade em executar o plano do Criador. A união com os princípios da palavra de Deus trazer-nos-á tão grandes bênçãos como teria trazido ao povo Hebreu» (Ed. 50). Chegamos ao Novo Testamento e podemos constatar como o papel da educação tem um tempo razoável na obra de Jesus. (João 7:14. «Os educadores de então procuravam impor-se ao respeito pelo aparato e

ostentação» com tudo isto a vida de Jesus apresentava assinalado contraste. Sua vida demonstra a inutilidade das coisas que os homens consideravam como as essenciais na vida». As escolas de Seus tempos, que engrandeciam as pequenas coisas e amesquinham as grandes, Ele as não procurou. Sua educação foi adquirida directamente das fontes indicadas pelo céu: do trabalho útil, do estudo das escrituras e da natureza, e da experiência da vida — compêndios divinos, cheios de instrução a todos os que lhes trazem mãos voluntárias, olhos que vêem e coração entendido» (Ed. 77/78).

O jovem Timóteo, educado no próprio Lar, é um dos exemplos do período do Novo Testamento. (2 Timóteo 1:5 e 3:14, 15).

A Igreja, procurou, através dos tempos, resolver o seu problema educativo, dentro das suas possibilidades. De todas as experiências, nos períodos difíceis porque a Igreja passou, sobressai, sem dúvida, com um fulgor extraordinário, a dos Valdenses. Ela foi verdadeiramente uma escola missionária, pois ardia no coração daquele perseguido povo o desejo ardente de levar a «preciosa semente» ao mundo em trevas. Escondidos entre as montanhas, perseguidos, como os piores criminosos, mesmo ali as suas crianças e jovens receberam uma educação do mais alto quilate.

A preparação escolar compreendia:

- a) provações
- b) agruras
- c) a preparação para o sacrifícios
- d) eram ensinados a agir, a pensar por si próprios
- e) a serem precavidos no falar
- f) estudavam as sagradas escrituras
- g) decoravam os Evangelhos de Mateus e João
- h) ocupavam-se em copiar as Sagradas Letras

O livro Conflito dos Séculos diz a pág. 74:

«De suas escolas nas montanhas alguns dos jovens eram enviados a instituições de ensino nas cidades de França e Itália, onde havia

campo mais vasto para o estudo, pensamento e acção. Os Jovens assim enviados estavam expostos à tentação, testemunhavam o vício, defrontavam-se com astuciosos agentes de Satanaz, que lhes queriam impor as mais subtis heresias e os mais perigosos enganos. Mas sua educação desde a meninice fora de molde a prepará-los para tudo isso» «Desde os joelhos de suas mães a juventude valdense havia sido educada com este propósito em vista; compreendiam o trabalho, e fielmente o executavam.»

Os primeiros dirigentes do movimento adventista foram também alertados por este importante problema.

Em 1872, George J. Butler, então presidente da Conferência Geral escrevia na *Review and Herald*:

«Nós temos necessidade de uma escola dirigida pela nossa denominação na qual um bom espírito prevaleça entre os alunos, e que os preservará das más influências que reinam na maior parte das escolas da nossa época. Em relação com esta instituição nós desejaríamos também estabelecer um departamento onde aqueles que desejem mais tarde consagrar-se ao ministério receberão um ensino que os qualifique para ocupar este posto». Nesse mesmo ano, em Batle Creek abria o Colégio de Batle Creek.

Daí até hoje a nossa obra se tem desenvolvido tão extraordinariamente, como a Igreja e, na maior parte dos países se encontram instituições que honram os nossos princípios.

Nas Missões, o momento actual pertence à educação. As massas Africanas estão despertando e mais do que em qualquer ponto, eles sentem o seu atrazo no plano Instrutivo. Há no entanto o perigo de separar a educação da instrução e isso trará sérios problemas no futuro. Não é difícil vermos que jovens que vivem ainda ao nível do mato, se apresentam cada dia, nas cidades, com um fato mais ou menos limpo, para frequentar as escolas técnicas especialmente, e também os liceus.

(Continua no próximo número)

# O método mais revolucionário de Evangelizar

**N**a parábola dos trabalhadores e das diversas horas de trabalho, Mat. 20:1-16, em que Jesus assemelha o reino dos Céus a um homem, pai de família, que sai de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha, somos duplamente impressionados pela uniformidade da recompensa e pela insistência com que esse homem busca os trabalhadores.

Cinco vezes os trabalhadores foram procurados: de madrugada, perto da hora terceira, perto da hora sexta, perto da hora nona, e outra vez, perto da hora undécima. Duas razões justificam aquela procura insistente: a necessidade de terminar o trabalho na vinha antes de cair a noite e o forte desejo de oferecer áqueles homens a oportunidade de ganhar o seu «dinheiro» antes do anoitecer. A interpretação e a aplicação prática desta Parábola — é, hoje, mais expressiva e eloquente que no tempo de Jesus. Existe o «reino dos céus», existe o «Pai de família», existe a «vinha», existem alguns «trabalhadores»; mas a que horas do dia nos encontramos? De «madrugada» à hora «terceira», à hora «sexta», à hora «nona» ou na hora «undécima»? Não temos ilusões a este respeito. Sabemos que estamos vivendo a última fase da história da humanidade. Que fazemos pela sua salvação?

Ao constatar a indiferença do público perante o fiel e perseverante trabalho dos pastores das nossas igrejas, interrogamo-nos silenciosamente: «Não terá Deus outro método de trabalho para pregar o Evangelho a toda a criatura, como nos ordena?» O Espírito de Profecia, que nos foi dado como advertência e esclarecimento para os nossos dias, responde a esta pergunta pertinente, duma maneira clara e directa: «A imprensa é uma poderosa instrumentalidade ordenada por Deus, para que seja combinada com as energias do pregador vivo. a fim de que a verdade seja levada a todas as nações, raças, línguas e povos. *Muitas mentes não podem ser alcançadas de nenhuma*

*outra maneira.*» (Christian Experience, pág. 225-227). «O sector de publicações da nossa Causa tem muito que ver com nosso poder. É meu desejo que esse sector realize tudo quanto o Senhor lhe tem designado. Se nossos homens associados às actividades dos livros fizessem fielmente a sua parte, eu sei, pela luz que me tem sido dada por Deus, que o *conhecimento da verdade presente será dobrado e triplicado*» (Life Sketches, pág. 446, 447). Será um verdadeiro Pentecostes, que há muito tempo desejamos: «Deus fará logo grandes coisas por nós, se nos achegarmos humildes e crentes a Seus pés... mais de um milhar serão logo convertidos num dia, a maioria dos quais atribuirá as suas primeiras convicções à leitura das nossas publicações» (Review and Herald, 10 de Junho de 1880).

Nestas declarações do Espírito de Profecia encontramos a resposta à nossa pergunta e o segredo do êxito da Causa de Deus nesta Terra. Temos um grupo de 25 fiéis irmãos e irmãs que responderam ao chamado do Mestre e consagraram as suas vidas a este Ministério ordenado por Deus para os nossos dias.

O ano de 1964 foi grandemente abençoado por Deus; a nossa Mensagem foi espalhada por todo o País com 13 500 livros e milhares de assinaturas da Revista «Saúde e Lar» que apresenta a mensagem da reforma sanitária. Tudo no valor de 640 000\$00. Milhares de lares foram visitados onde os nossos colportores oraram, deram estudos bíblicos, fizeram inscrições para a Escola Rádio-Postal e deixaram literatura.

Esta obra que nos parece grande é, no entanto, ínfima perante o que nos falta fazer. *Dez milhões* para evangelizar! Nesta undécima hora da história do mundo e da nossa vida, Deus indaga: «Por que estais ociosos todo o dia?» (Mat. 26). Se me contento em ser, unicamente um membro de igreja, possuindo dons para o trabalho directo na Causa de Deus, estou sendo ocioso

aos Seus olhos, porque Ele espera mais de mim. «O Senhor chama obreiros para que entrem no campo da Colportagem, de maneira que os livros que contêm a lua da Verdade Presente, entrem em circulação. O povo do mundo necessita de saber que os sinais dos tempos estão em cumprimento. Levai-lhes livros que os iluminarão...» (Manuscrito 6, 1901).

No tempo de Israel, Deus queria que os sacrifícios apresentados fossem sem defeito algum. Da mesma maneira, hoje, Deus não chama a classe inútil, os inconstantes, mas quer para o Seu serviço homens e mulheres de valor, com êxito na vida, deixando tudo para o seguir e servir. «Em todas as partes do campo devem-se escolher colportores, não do elemento inconstante da sociedade, não dentre homens e mulheres que para nada mais prestam e em nada têm êxito, mas dentre os que têm boa apresentação, tacto, fina percepção e habilidade. Tais pessoas são necessárias para ter êxito como colportores e directores» (Test. vol. 4, pág. 389, 390).

Muitos já responderam aos reptos da «madrugada», da «hora sexta», e da «hora nona». Quais atalaias permanecem firmes nos seus postos! A Causa de Deus orgulha-se e está progredindo com as decisões tomadas por estes soldados de Jesus Cristo.

Oremos pelo seu trabalho e para que muitos respondam ao repto da «undécima hora»: «Por que estás ocioso todo o dia? Vai também para a minha vinha, e receberás o que for justo».

O Departamento das Publicações espera que vós e proporcionar-vos-á uma bela experiência neste método de evangelização. Como recompensa ouvireis, um dia no céu, dos lábios de muitos: «Eu era pecador, sem Deus e sem esperança no mundo; e tu te dirigiste a mim, e atraíste a minha atenção ao precioso Salvador, como minha única esperança» (Test., vol. VIII, págs. 196, 197).

J. Dias

## «LEMBRA-TE... do dia de Sábado para o SANTIFICAR»

(Continuação da pág. 5)

uma força sempre a agir, que incita tanto à santificação deste dia como à negligência na maneira de o observar. Longe de todo o faraísmo, com amor — mas também com firmeza — o prègador deve incarnar a atitude do cristão para com o Sábado. Este homem de Deus pode notar, neste domínio, muitos desvios, mais ou menos graves, da parte dos seus fiéis; mas vigiará, para recompor tudo, e tem de encorajar cada qual a ser leal aos princípios divinos.

### 3. Aos professores

Também estes constituem vivos exemplos para a grande família colocada sob a sua responsabilidade. Pela sua conduta, pela aplicação de sábios regulamentos, determinam os professores, numa grande medida, a concepção do Sábado que se forma, pouco a pouco, na alma e no espírito dos seus alunos. Não é, decerto, uma tarefa fácil. Efectivamente, é mais fácil abandonar os jovens a si mesmos, aos seus impulsos irreflectidos, do que traçar planos laboriosos

com vista a garantir-lhes um uso harmonioso e fecundo das horas livres do Sábado. Agradecemos a Deus o termos as nossas escolas dotadas de mestres consagrados. Sabemos que estes homens e estas mulheres são capazes de contribuir para fazerem, verdadeiramente, do Sábado, no espírito da juventude, «o Dia do Senhor» — um dia que eleva a criatura e a aproxima do seu Criador; uma paragem bendita, na qual, pelo repouso e pela meditação, o homem realiza, também, o mais plenamente possível, a sua vocação celeste.

Há, finalmente, um pensamento que, mais do que qualquer outro, pode amparar os educadores adventistas nos seus esforços para levarem os jovens a uma concepção mais elevada sobre a maneira de guardar o Sábado: é que as nossas instituições escolares têm como objectivo preparar aqueles que, amanhã, serão empregados na Obra — entre outros, os prègadores. Estes servos de Deus devem ser exemplos em todas as coisas, pois é para eles que os fiéis se dirigem

para receberem conselho e instrução, porque «os lábios do sacerdote guardarão a ciência, e da sua boca buscarão a lei.» (Malaquias 2:7).

Uma tal perspectiva não obriga, porventura, todos os professores cristãos a uma maior consciência profissional em relação com todo o ensino de um assunto tão sério como o que diz respeito ao Sábado?

Que todo o programa especial consagrado à santificação do Sétimo Dia possa incitar cada um de nós a entrar em nós mesmos, a fim de examinarmos as nossas vias, comparando-as com os preceitos da Bíblia e do Espírito de Profecia, para efectuarmos, seguidamente, as reformas necessárias ditadas pelo Espírito Santo. Se o sinal distintivo do «remanescente» fiel é a obediência aos Mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus (Apoc. 12: 17) não será demais insistir no facto de que no seio das trevas que cobrem a terra, o exemplo dos crentes deve ser comparável a «uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça e a estrela da alva apareça em vossos corações.» (2 Pedro 1:19).